

As pessoas em primeiro lugar

07-06-2010

* José Carlos Nunes Barreto

“A ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado” de Amartya Sen e Bernardo Kliksberg da editora Companhia das Letras, é o livro que recomendo para os presidentes e todos cidadãos interessados em debater os temas candentes do País para os próximos 20 anos, tendo como foco a ecologia humana - a sustentabilidade nas ações e no planejamento voltado para atender homens e mulheres, como centro das atenções de governantes. Nele os autores pretendem combater o descaso do poder público, responsável pelo aumento assustador da desigualdade que atinge amplos setores sociais no mundo, notadamente na América Latina, a mais desigual das regiões, onde jovens, negros, indígenas e mulheres, são atingidos por ações de políticas públicas reféns de uma cegueira social que explica, desde o aumento da mortalidade infantil, ao empobrecimento generalizado da classe média argentina após a crise de 2001, passando pela drástica diminuição da expectativa de vida dos homens negros, habitantes das periferias das grandes cidades brasileiras mortos, a maioria ainda muito jovens, na guerra urbana patrocinada pelo tráfico de drogas. Todas informações foram retiradas de um impressionante arsenal de dados estatísticos, que são contrastados com a realidade sócio cultural de cada País e região do mundo.

Chamam a atenção os dados de segurança urbana, pois segundo a Organização Pan- Americana de Saúde, um índice normal de criminalidade se situa entre zero e cinco homicídios a cada 100 mil habitantes por ano. Tal situação pode ser tratada com os instrumentos convencionais. Segundo os autores, quando o índice está acima de oito, estamos diante de um quadro de criminalidade epidêmica, caso de Uberlândia, de Minas e do Brasil: uma tabela mostra estes dados em vários países da região, onde focamos o Brasil (em 1980, 11,5 homicídios por 100 mil hab.; em 2006, 31 homicídios para cada 100 mil habitantes), ou seja: triplicamos a taxa de homicídio em menos de três décadas, uma média de homicídios que é o dobro da média mundial. Como nós vivemos nas cidades, é nelas que sentimos a insegurança e o medo, intangíveis, embora tropeçemos no tangível: as perdas de vidas humanas além das materiais (10,5% do PIB), e esta é, a meu ver, a agenda para as próximas décadas.

As ações que tomarmos agora poderão nos aproximar, por exemplo, do Chile (5,4 hom./100 mil hab.) ou do Uruguai (5,2) e nos tirarão da inaceitável companhia da Colômbia (40); Área andina (45,4) e El Salvador (43,4), as mais violentas sociedades da América latina.

Portanto não dá para deixar passar despercebido o cutucão do candidato Serra em Lula e Morales: o boliviano aumenta em seu governo a plantação de coca, cuja produção (90%) é dirigida ao Brasil. O presidente brasileiro finge que não vê, e deixa as fronteiras que nem peneiras e sem a devida atenção de patrulhamento, não evitando a invasão de narcotraficantes do país vizinho. Daí, onde chega a cocaína, se estabelece um rastro de morte e destruição. Em virtude do exposto não podemos concordar com a Marina Silva: não é por ser um índio que o sr Morales não deve ser cobrado assertivamente. Infelizmente ele é o chefe de um narco - estado colado ao nosso, e sua gestão lá é uma questão de sobrevivência para milhares de pessoas aqui nesta Nação.

* Professor doutor

debatef@debatef.com.br